

## A INVISIBILIDADE DA MULHER NEGRA NA MÍDIA

Manuela Pinheiro Santos (1); Edna Consuelo Lisboa Pinheiro Santos (1); Jéssica Góes da Silva (2); Ícaro Ferreira da Silva (3).

(1) *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. E-mail: manuelapinheiros@outlook.com*

(1) *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. E-mail: consuelo\_renascere@hotmail.com*

(2) *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. E-mail: jeelgoes22@hotmail.com*

(3) *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. E-mail: Icaro.f.s@hotmail.com*

**Resumo:** O presente Artigo tem por objetivo analisar como a mídia, principalmente a televisiva, reforça reflexos de antepassados históricos sobre o corpo da mulher Negra, estereotipando-as. Trata-se de uma revisão da literatura especializada, ocorrida entre abril de 2017 e junho de 2017. A mídia negligencia as informações das/e para as mulheres negras. É notória que essa população está mais exposta a violação de seus direitos, mas poucas denúncias são feitas por parte desses meios nos veículos midiáticos. Lentamente as mudanças já começaram a acontecer, com o aumento do acesso à internet as mulheres negras começaram a se fortalecer. Os embates que as mesmas travam contra o modelo hegemônico começaram a serem expostos e discutidos. Mas, tem-se ainda muito a avançar, para que ocorram mudanças significativas, é necessário que as mulheres negras ocupem espaço na mídia.

Palavras chaves: Mulher negra, mídia, invisibilidade, negligência.

### INTRODUÇÃO:

A invisibilidade da mulher negra, grupo que representavam em 2011, 50,2 milhões de brasileiras (PNAD/IBGE), no âmbito social é reforçada na mídia, essa violência é consequência de uma sociedade racista. Sim, é o racismo agravado pelas questões de gênero que motivam os veículos responsáveis em transmitir informações, a não representem a metade do grupo feminino brasileiro, de maneira consciente e perversa. (Coletivo Nisia Flores, 2016).

Na maioria dos casos, a mídia brasileira apresenta a mulher negra como objeto sexual, ou como vítima ou protagonista de delitos e de crimes, mesmo assim, essa abordagem se dá de maneira superficial. Raras são as ocasiões em que a mulher negra é vista como detentora e construída de

saber/ conhecimento e opiniões, momentos no qual ela é vista como fontes fidedignas para matérias são raros. Se para mulher branca é complicado encontrar um lugar ao sol e se ouvida, para a mulher negra a luta é muito maior, mais difícil e bem mais complexa (Coletivo Nisia Flores, 2016).

Ao contrário das ideias novas e produtos novos que levam um tempo para serem aceitos pela massa, os veículos midiáticos caíram na graça do povo quase que instantaneamente, e logo após a conquista, a ferramenta se torna instrumento de manipulação. Por isso em paralelo com os três poderes instituídos (Legislativo, Executivo e Judiciário) a sociedade brasileira hoje também é regida pela mídia, que é chamada por alguns autores “O quarto poder”. (RIZZOTTO, 2012).

*(...) A cultura da mídia vigente na sociedade se aspira dominante, estabelecendo formas e normas sociais, fazendo um grande número de pessoas enxergar o mundo por suas lentes, seus vieses. Utilizada como instrumento de manipulação a serviço de interesses particulares, reordena percepções, faz brotar novos modos de subjetividade, o que trás vantagens e/ou desvantagens, tanto no aspecto individual como no aspecto social. A mídia, com todas as suas ferramentas, hoje detêm o poder de fazer crer e ver, gerando mudanças de atitudes e comportamentos, substituindo valores, modificando e influenciando contextos sociais, grupos, constituindo os arquétipos do imaginário, criando novos sentidos simbólicos como árbitros de valores e verdades.*

**(Ellen Fernanda Gomes da Silva, ANO) .**

A mídia veicula as informações passadas pelos contratantes, e esses por sua vez, tendem a formata-las de acordo com seu interesse e passa a ser tida como verdade pela massa. Chegamos à problemática da questão, quem detém esse poder na sua grande maioria, são homens, brancos, héteros e ricos, que ocupam também em grande número outros lugares de privilégios e há toda uma articulação para manutenção desse cenário. Estamos vivenciando a violência de gênero, racismo, preconceito, homofobia, dentre outras formas de violências, sendo legitimadas pela mídia através de programas televisivos, propagandas, jornais, na publicidade e outros dispositivos usados. Por tanto, a mídia se tornou uma arma poderosa sendo usada para docilizar a sociedade frente às mazelas (Kono et al, 2014).

É preciso destrinchar todo contexto histórico, para melhor entendimento dos espaços ocupados por esse grupo atualmente. Dessa forma, o presente estudo tem por objetivo analisar como

a mídia, principalmente a televisiva, reforça reflexos de antepassados históricos sobre o corpo da mulher Negra, estereotipando-as.

Tal análise se faz de suma importância, pois o fato da mídia abordar as mulheres negras de forma estereotipada é algo que acontece rotineiramente, presencia-se isso em diversas novelas em diferentes canais, sendo assim já está naturalizado entre a população comum que passa tão imperceptivelmente, mas que precisa ser debatido, criticado e exposto.

### **MÉTODO:**

Este estudo estabeleceu-se de uma revisão da literatura especializada, ocorrida entre abril de 2017 e junho de 2017, no qual realizou-se uma consulta a livros presentes na Biblioteca da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRBA) – campus de Santo Antônio de Jesus, Centro de ciências da saúde (CCS) , foi feita também pesquisas através artigos científicos selecionados através de busca no banco de dados do scielo, a partir dos descritores mulher negra e mídia. A pesquisa dos artigos foi realizada nesse mesmo período.

Os critérios de inclusão para os estudos encontrados foram à abordagem midiática relacionada com o corpo da mulher, em que ele é estereotipado, hiperssexualizado e/ou objetificando, estabelecendo ou não relação com o reflexo de antepassados históricos escravagistas. Foram excluídos estudos que não mantinham essa abordagem e não atendiam aos critérios pré-selecionados.

### **RESULTADOS E DISCUSSÕES:**

Por volta de 1538, às mulheres africanas começaram a ser arrancadas de suas terras de forma violenta, passavam dias em porões de navios sem comida, sem banho e sem remédio, de forma desumana. Para escravizar o preto, usaram a justificativa de que eles não tinham alma, portanto, não eram humanos. Muitos morriam nessa viagem, principalmente mulheres e crianças. Após esse teste de resistência, chegando ao Brasil, eram expostas como mercadorias a fim de serem vendidas, escolhidas como animais, a partir das características físicas.

Ao chegarem à fazenda do escravagista, as funções eram escolhidas a partir de uma suposta beleza, as que eles julgavam mais atraente seriam as mucamas e ficavam na casa grande, assim elas estariam perto para serem estupradas pelos “seus senhores” quando eles desejassem. Quanto às

mulheres que iam para as senzalas, os trabalhos eram mais pesados, sofriam violências físicas constantemente, assim como os estupros por parte dos capatazes e capitães do mato. Com o tempo o nível de perversidade foi aumentando, além de estuprar essas mulheres o intuito era também engravidá-las, para vender seus bebês gerando outra “fonte de renda” ou somar mais uma pessoa escravizada. (Geledés, 2012).

Mais de 400 anos depois, ainda percebemos a perpetuação dessa realidade, quando, segundo pesquisas da UNICEF, MTE (2012) e Ipea, as mulheres e meninas negras sofrem mais abusos sexuais, o salário da mulher negra é R\$ 790 e do homem branco chega a R\$ 1.671, bem como a taxa de desemprego das jovens negras chega a 25%, ou seja, uma entre quatro jovens está desempregada, e por fim, 71% das mulheres negras estão em maior número nos empregos mais precários e informais. Sem um salário justo, essas mulheres não têm condições de adquirir uma moradia digna, uma alimentação balanceada, não tem mais ânimo para terminar os estudos devido ao trabalho exaustivo. Quando se tornam mães na maioria dos casos solteiras, não têm condições de oferecer aos filhos educação, saúde e lazer, fazendo com que esse ciclo favoreça a manutenção da desigualdade social.

A mídia negligencia as informações das/e para as mulheres negras. Esses meios de comunicação ainda encontram legitimação através do apoio dado pelo Estado brasileiro, os quais se associam em uma aliança programática que traz como resultado a criminalização da mulher negra. Isso acontece mesmo diante da luta pela sua dignidade, dos seus familiares e comunidade legitimada no PNDH3 – Plano Nacional de Direitos Humanos 3 que atesta a humanidade dos negros, dos indígenas e de outros grupos humanos afetados pelo racismo e pela colonização (Reis, 2014)

É notória que essa população está mais exposta a violação de seus direitos, mas poucas denúncias são feitas por parte desses meios de comunicação. Segundo o Mapa da Violência 2015, o número de homicídio contra mulheres negras subiu 54% em 10 anos (2003 á 2013), um índice assustador que causou grande preocupação por parte de algumas instituições e pessoas que trabalham com a temática. Mas essa informação não foi noticiada pelas mídias que alcançam a grande massa, a exemplo da televisão e rádio. Essa informação só foi divulgada em pesquisas disponibilizadas em alguns sites, blog, jornais e artigos disponíveis na internet, que também estão inclusos no conjunto da mídia, mas o número de pessoas que tem acesso é bem menor em relação às citadas acima. Mais uma vez se evidencia a invisibilidade da mulher negra.

Com relação à representação das mulheres negras nos meios de comunicação, a “Pesquisa Brasileira de Mídia 2015” afirma que a televisão é o veículo midiático mais acessado no país, 95% dos entrevistados afirmou assistir TV. A programação da rede televisiva bastante presente nos lares brasileiros são as novelas, existe um bordão bem pertinente “A arte imita a vida e a vida imita a arte”, as tramas narradas em capítulos, mostram histórias que acontecem na vida real, fazendo a manutenção da realidade. É perceptível que mesmo em novelas diferentes algumas personagens são bem estereotipadas e os enredos se repetem. À exemplo das novelas “Xica da Silva” estreada no ano de 1996, na TV Manchete, e “Da Cor do Pecado” em 2008 na TV Globo ambas marcadas por mensagens subliminares, hipersexualizando as personagens que são interpretadas por atrizes negras.

Para além da objetificação dos corpos negros femininos, as tramas reforçam também os lugares de subalternidade. Durante uma campanha “Senti na Pele” Solange Couto denunciou o racismo perpetuado nas telenovelas, dentre 37 personagens encenados por ela, 25 eram empregadas ou escravas, 5 dançarinas e só 7 não estereotipados, vale ressaltar que essa realidade não é um caso isolado.

O mesmo acontece em todos os outros meios da mídia, seja na publicidade, internet, outdoor, jornais e outros meios de comunicação. Constantemente a mulher negra é noticiada e publicizada cometendo ou sofrendo ações delituosas, assim como objeto sexual, ou em lugar de subalternidade. Essas delimitações nas notícias voltadas para esse grupo reforçam de maneira subjetiva as práticas racistas e machistas sofridas por elas. O problema não está na veiculação dessas notícias, pois elas são verídicas, a questão é a delimitação e o enfoque nelas. Não são noticiadas as conquistas desse grupo, bem como não são publicizadas as mulheres negras que são médicas, advogadas, delegadas, modelos, vereadoras ou que estejam em uma posição hegemônica na sociedade. A mídia expõe, majoritariamente, o lado negativo, por conseguinte perpetua o racismo. (Coletivo Nisia Flores, 2016).

É perceptível que quando o assunto é cultura, educação e ciência, a mídia consegue exercer o papel de dominadora muito mais eficientemente do que a instituição destinada para o aprendizado de tais abordagens, a escola. Pode se considerar ambas como meio de comunicação, a diferença está no fato de que os meios de comunicação como TV, rádio, etc, têm maior alcance do que as escolas (Geledés, 2010).

Mesmo submetidas à opressão e marginalização provocada e alimentada pela mídia, essas mulheres lutam pela recuperação e restauração de suas vozes, visando legitimar seus discursos, frente ao poder supremo e onipresente das empresas de comunicação, com suas mídias, e do Estado (Reis, 2014).

Como representação desse mecanismo de resistência negra surge, no dia 2 de setembro de 1996, a revista Raça, destinada ao público negro, principalmente as mulheres. Seu principal foco é difundir imagens não estereotipadas dos negros, mostrando quantos deles alcançaram a mobilidade social mesmo com a escassez de oportunidade. Para além disso, a revista explora as representações femininas com as condições de vida, relações sociais e trabalho da mulher negra, suas conquistas da independência, de igualdade entre homens e mulheres, de igualdade racial (Mendonça, 2004).

Na mídia televisiva a representatividade fica a cargo da cantora e uma das apresentadoras do programa Estação Plural, Ellen Oléria, o programa é mais voltado para discussão sobre os assuntos LGBT, mas não podemos deixar passar despercebida a presença de uma apresentadora negra que se torna uma inspiração para muitas mulheres negras. (TV Brasil, 2016).

Com a expansão da internet uma das ferramentas muito usada pela mídia e uma maior facilidade de acesso até mesmo no celular, a resistência das mulheres negras aumentou, através de blogs com vídeo de como cuidar de cabelos crespos e cacheados, poemas ressaltando a luta e a beleza da mulher negra, escrito por uma igual. Com a finalidade de fortalecer, elevar a autoestima e desenvolver a sororidade das pardas e principalmente das pretas. (Geledés, 2010).

As redes sociais tornaram possível uma série de denúncias, bem como a formação de vários grupos de mulheres negras, nas páginas do facebook, instagram e outras redes sociais. Essas redes por sua vez promoveu uma interação e fortalecimento dos laços desse grupo. Ainda que nem todas as mulheres negras tenham acesso a internet, há um grande número dessas que tem possibilidade de acesso e a partir desse contato uma com as outras começaram a questionar essa estrutura social e passaram a valorizar a sua beleza e sua cultura.(Geledés, 2010).

## **CONCLUSÃO:**

A construção da mulher negra como objeto, mercadoria lucrativa é uma herança maldita de um passado escravocrata, em que essas mulheres sofriam abusos, maus tratos, diversos tipos de violência, a qual ainda se perpetua na atualidade. É visível como a mídia de massa tem uma



influência sobre a população, logo possui um poder de manipulação dessas pessoas. Portanto, trazer abordagens da mulher negra nos veículos midiáticos marcadas por estereótipos, baseados em marcadores históricos racistas, machistas e sexistas contribui para reafirmar a marginalização, hipersexualização e objetificação sofrida por esse corpo.

Essas práticas são equivocadamente vivenciadas no presente, e como existe a máxima popular de que “a arte imita a vida e a vida imita a arte”, ocorre o processo de naturalização dessa concepção de subalternidade da mulher negra. Percebe-se um contexto no qual, em vez de denunciar os homicídios e violências sofridas pela mulher negra a mídia reitera o local de subalternidade que a mulher negra é submetida. Por isso o combate contra essas ações se faz necessário e urgente.

As novelas, as quais têm um grande alcance popular, trazem uma representação das mulheres negras que também contribui para a manutenção dos estereótipos inferiorizados das mulheres negras. Na maioria das vezes as atrizes negras interpretam personagens não hegemônicos socialmente, como: empregadas domésticas, babás, escravas, dançarinas etc. Corroborando com essa prática, há o fato da mídia não trazer destaque para as mulheres negras que ocupam lugares hegemônicos na sociedade, como o caso de Taís Araújo que recebeu o título de Defensora dos direitos das mulheres negras da ONU e isso foi pouco noticiado.

Como forma de restauração das vozes dessas mulheres, de combate contra as opressões vivenciadas por elas, surge a mídia de resistência, como é o exemplo da revista Raça e do programa Estação Plural o qual possui uma mulher negra como apresentadora, Ellen Oléria. Além disso, com o auxílio da internet vídeos focando e enfatizando a beleza, as conquistas, a arte, a cultura e as lutas negras ganham espaço na sociedade. Apesar de nem todas terem acesso a internet, é através dela que as mulheres negras estão conseguindo criar uma rede de apoio, fortalecimento e empoderamento das mesmas, assim como uma rede de denúncias contra práticas machistas e sexistas vivenciadas por elas.

## REFERÊNCIAS

Brasil. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília: Secom, 2014.

FIGUEREDO, Karina; BOCHI. B. B. Shirley. **Violência Sexual**. Disponível em: <[https://www.unicef.org/brazil/pt/Cap\\_03.pdf](https://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_03.pdf)>. Acesso em: 08 jun. 2017.

GÉLEDES. **A revolução da internet e a decadência da velha mídia**. 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-revolucao-da-internet-e-a-decadencia-da-velha-midia/>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

**História da Escravidão Negra no Brasil**. Disponível em: <[http://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negrabrasil/?gclid=CPLS8O29NACFYHkQodsJALFA#gs.f\\_XdYNI](http://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negrabrasil/?gclid=CPLS8O29NACFYHkQodsJALFA#gs.f_XdYNI)>. Acesso em: 9 mai. 2017.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins de. **Mídia e construção da identidade da mulher negra: a revista Raça**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1626-1.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

**Mulheres Negras na Mídia: Onde Estão?** Disponível em: <<https://coletivonisiafloresta.wordpress.com/2016/07/25/mulheres-negras-na-midiaonde-estao/>>. Acesso em 07 mai. 2016

MOTA, Joanne. **Mulher Negra Continua em Desvantagem: Racismo Institucional**. Disponível em: <[http://www.geledes.org.br/mulher-negra-continua-emdesvantagem-racismo-institucional/#gs.f\\_XdYNI](http://www.geledes.org.br/mulher-negra-continua-emdesvantagem-racismo-institucional/#gs.f_XdYNI)>. Acesso em: 8 abr. 2017.

OLIVEIRA, Flávia. **Chica Da Silva Tem História Revista Para Além De Sua**. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/chica-da-silva-tem-historia-revista-paraalem-de-sua-sensualidade/#gs.BpMEh9U>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

Organização, Silva Ramos. **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.



REIS, Vilma. **Mulheres negras, criminalizadas pelas mídias, violadas pelo Estado**. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-criminalizadas-pelas-midias-violadas-pelo-estado/>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

WAISELFISZ, J. Julio. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil**. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)>. Acesso em: 9 jun. 2017.